

KERAMEIKOS, LUGAR DE PODER E DE MAGIA NA ATENAS DO IV a.C.

Maria Regina Candido*

Abstract

This paper is about Kerameikos in Athens and an analysis of the katadesmos practices magic. Our aim is to analyze the symbolic functions of this funerary ritual in the ceremony to curse someone.

Keywords: Kerameikos; Athens; funerary ritual.

Resumo

Este artigo é sobre o cemitério do Kerameikos, em Atenas, e a análise da prática da magia do katadesmos. Nosso objetivo é analisar as funções simbólicas dos ritos funerários e a cerimônia de amaldiçoar alguém.

Palavras-chave: Kerameikos; Atenas; ritos funerários.

Este artigo faz parte do trabalho desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa do CNPq intitulado *Kerameikos: lugar antropológico do mito, da magia e poder*, no qual apreendemos o espaço físico do cemitério do Kerameikos como suporte de informação sobre as práticas mágico-religiosas identificadas como *defixiones*. Os *katadesmoi* ou *defixiones*, identificados como lâminas de chumbo, foram encontrados nas sepulturas dos *mortos antes do tempo*, junto a outros artefatos arqueológicos, tais como figuras humanas feitas de chumbo e o uso de inscrições sobre a superfície do artefato de metal. A presença do artefato arqueológico junto aos atenienses e a tradução dos textos impressos nas lâminas nos revelam a formação de

* Professora Adjunta de História Antiga e coordenadora do NEA/UERJ. Ata no PPGHC da UFRJ e no PPHC da UERJ.

crenças mágicas que seguem lógicas de contato com as potências sobrenaturais distintas das realizadas pela religião oficial dos atenienses. A ação deixa transparecer que o usuário da magia pensa e age a partir de um princípio alternativo de racionalidade, que produz um outro *sentido de realidade*, afastados dos padrões éticos e morais estabelecidos pela pólis dos atenienses.

Questionamo-nos sobre as possíveis motivações que levaram parte dos integrantes da comunidade dos atenienses no IV século, a transpor a lei e as normas do coletivo, e estabelecer contato com seres sobrenaturais, removendo sepulturas no Cemitério do Kerameikos, em Atenas. Identificamos o imaginário social e a emoção como fatores primordiais de motivação: o usuário da magia dos *defixiones*, movido pela animosidade contra alguém, determinava a efetiva realização de algum prejuízo ao indivíduo considerado inimigo. A ação imperativa configura-se pelo uso de palavras de maldição e do artefato de chumbo, cujos textos inscritos em sua superfície integram a composição do que denominamos de *discurso mágico dos defixiones*. Interessa-nos identificar: quais deuses, mitos e seres sobrenaturais eram evocados para as práticas mágicas? Que poderes sobrenaturais acreditavam possuir visando prejudicar o inimigo, decretando a sua morte? Que procedimentos ritualísticos executavam junto aos corpos dos *mortos antes do tempo*, visando impor a realização de sua vontade? Qual o conceito de morte que circulava junto aos usuários da magia dos *defixiones*?

O interesse pelo tema tem nos acompanhado há algum tempo, o que nos permitiu identificar as variedades de lâminas e de solicitações do usuário da magia dos *defixiones*, tais como maldições contra testemunhos de **processo judiciais**, imprecações contra **atividades comerciais**, contra adversários de **disputas atléticas** e solicitação para eliminar o rival envolvido em **triângulo amoroso**.

Toda sociedade possui lugares demarcados como sagrados que, por sua vez, definem e organizam o comportamento, o pensamento e as práticas sociais de seus integrantes. Lugares sagrados detêm poder sobre seus habitantes e estabelecem regras de convívio e interditos que, em sua maior parte, tendem a ser observados, de forma intensa ou com menor intensidade, pela maior parte dos integrantes da comunidade *políade*.

Consideramos o Cemitério do Kerameikos como lugar sagrado, cujo poder está ratificado pelas atividades ritualizadas que ali se realizam através de cerimônias religiosas, rituais fúnebres, nos quais cada um dos integrantes da comunidade *políade* toma consciência da coletividade, construindo

do um vínculo de solidariedade, participação e identidade. As informações textuais sobre a região Kerameikos apresentam-se dispersas na documentação fornecida por Sólon, Tucídides, Pausânias e Theophrastos. Consideramos que falar do Kerameikos significa identificar a região como um *lugar de poder*, construído através da sacralidade do local – ratificada pela vivência dos atenienses, ao longo da sua existência, e pelo processo de formação da *polis*.

Entretanto, o fato de ser sagrado, não impediu a existência de formas alternativas de usar o *lugar de poder*, como nos aponta o conjunto de documentação pouco mencionada pelos pesquisadores e resultado da escavação arqueológica: os *defixiones*, que nos indicam outras *maneiras de usar* o espaço sagrado do cemitério do Kerameikos. A presença dessa *maneira de usar* o cemitério deixa transparecer as ambivalências na *maneira de usar* o espaço sagrado: durante o dia, o local é freqüentado pelos familiares e sacerdote, e, à noite, pelos *magus* e feiticeiros. O resultado aponta para o caráter conflitual das práticas da magia, que usam do poder sacralizado do Kerameikos com deslocamento de sentido e deixam transparecer a relação binária de oposição entre o sacerdote da religião *poliade* e o *magus* praticante da magia dos *defixiones*. Essa ambivalência leva a historiografia do século XIX a considerar a religião e a magia entre os atenienses como um exemplo de formas antagônicas de crenças ocupando o mesmo espaço, gerando a relação binária de oposição entre religião e magia, ao analisá-las sob a ótica de pólos opostos.

Mary Douglas aponta Sir James G. Frazer como o autor da mais remota classificação da magia, ao defini-la como o primeiro estágio; a religião seria o segundo; e a ciência, o terceiro estágio evolutivo da humanidade. O argumento segue a *dialética hegeliana*, ao definir a magia como pensamento primitivo, a ser vencida pela sua própria insuficiência e suplantada pela religião. Os pesquisadores contemporâneos de Frazer partem do seguinte princípio, a saber: da magia primitiva emergia a antítese, que seria a religião, cujo resultando seria a ciência, considerada um estágio seguro, moderno e eficaz (DOUGLAS, 1980, p. 34).

A historiografia do período afetou diretamente os estudos clássicos, pois parte dos pesquisadores do século XIX, seguindo o modelo dos humanistas e/ou iluministas, sempre recorriam e convocavam a Antiguidade grega e romana para ratificar as argumentações religiosas, políticas e filosóficas do seu tempo.

Embora deixem transparecer que buscam no contato com os gregos a salvação e a manutenção da cultura do ocidente, também deixam transparecer que colocam a religião, a magia e a narrativa mítica na categoria do pensamento irracional, cuja base é a fé e a emoção. Por outro lado, não podemos esquecer a dinâmica do século XIX para os estudos da religião, revitalizada pelas descobertas e traduções de textos clássicos, de cultos orientais, de achados arqueológicos e do crescimento da filologia e da lingüística como áreas de saber. No meio acadêmico, o resultado aparece com a oficialização da disciplina *Ciências da Religião*, que fomentou a criação da cátedra universitária *História das Religiões*, promovendo a realização de teses, congressos e publicações.

Entretanto, buscamos, em nossa análise, nos afastar da definição que coloca a magia em oposição à religião. Consideramos a magia como um conjunto de crenças e práticas mágico-religiosas que visa estabelecer contato com as potências sobrenaturais. Caracteriza-se por atuar de forma complementar à religião *políade* dos atenienses, pelo fato de usar os mesmos espaços sagrados, os deuses e as *vozes místicas* das orações.

Para os praticantes da magia, o cemitério do Kerameikos define-se como fronteira entre o mundo dos vivos e dos mortos, conjugando uma relação de força de natureza mágico-religiosa que, ao mesmo tempo, permite identificar os seus críticos, seus praticantes e seus usuários. Tal fato nos leva a identificá-lo como *lugar antropológico*, ou seja, é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que nele transitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa (AUGÉ, 1994, p. 51), e *lugar de poder* para os praticantes da magia. O Kerameikos torna-se uma construção concreta, produzida pela vivência dos atenienses, com acentuada interação entre diferentes *grupos semióticos*, a saber: os críticos, os usuários da magia, os cidadãos, os estrangeiros, os homens e as mulheres, os metecos e os escravos. Todos transitam pelo espaço geográfico do cemitério: via de acesso de entrada e de saída da pólis dos atenienses.

O Kerameikos tem no sacerdote e no monumento fúnebre a construção de sentido de coesão da comunidade *políade*, assegurando a manutenção dos ritos, crenças e tradição. A morte transforma o corpo do morto em uma tumba que, de acordo com seu *status* social, pode ser suntuosa ou modesta, tornando-se *lugar de memória* – expressão na qual o indivíduo tem a sensação de eternidade, ao acreditar que perpetua a sua existência na lembrança dos vivos, através da visitação de seus familiares ao túmulo.

Entretanto, o *magus* também transita pelo *Kerameikos*, realizando visitação a túmulos de pessoas que morreram antes do tempo, a saber: suicidas, vítimas de assassinato, crianças e mulheres que morreram de parto. Essas sepulturas apresentam-se como *os topoi* de realização das práticas mágicas dos *defixiones*, as quais, a partir da *ação dialógica*, propiciam uma experiência individual entre o solicitante e o *magus*: ambos buscam, através da palavra, a realização de interesses individuais de *fazer mal ao inimigo*, desejando, por vezes, a sua morte.

O texto que compõe o discurso mágico forma um código a ser decifrado, o que nos possibilita reconstituir a *maneira de fazer* dos usuários da magia. O solicitante recorre às práticas mágicas por estar envolvido em *situação subjetiva*, ou seja, de um lado, sente-se lesado, prejudicado pelo seu oponente, que parece usar da *lei do mais forte* para tornar inoperante a sua atividade; nesse caso, de *forma preventiva*, o solicitante faz uso da magia para assegurar a sua vitória sobre o adversário. Do outro lado, o usuário da magia pode ser acometido pelo sentimento de inveja e despeito diante da sua incapacidade de sucesso, e decide, de *forma ofensiva*, impor a ruína aos concorrentes, através das práticas mágicas dos *defixiones*, que permitem a inscrição do nome do inimigo na superfície da lâmina de chumbo acrescida de fios de cabelo, fragmentos de tecido e unhas. As duas situações fomentam a desordem pessoal no solicitante que, movido por um acentuado sentimento de raiva, ódio e rancor determina a realização de sua vontade.

Não podemos esquecer que usuário da magia dos *defixiones* é alguém que se sente ameaçado em algo de valor, que teme perder. Como solução, busca forças alternativas no poder da magia para fazer valer o que considera seu de direito, independente de preceitos éticos e da lei que regem a comunidade à qual pertence. O discurso mágico das lâminas de chumbo evidencia um lugar de embate, de enfrentamento, cujas inscrições materializam os antagonismos e interesses distintos. Além de ser uma *situação subjetiva*, esta ação torna-se também uma *ação dialógica*, porque o *magus* aparece como aquele indivíduo detentor de um poder, habilidade e eficácia na ação mágica, com capacidade de solucionar o conflito em direção aos interesses e em favor do solicitante.

A maneira de usar a palavra mágico-religiosa diante dos mortos antes do tempo sepultados no *Kerameikos* torna-se, no imaginário do solicitante,

fundamental para se atingir a eficácia e a realização do solicitado. A partir dessa constatação, podemos afirmar que vida e morte transitam pela religião e magia, ambas têm o espaço sagrado do cemitério como o lugar de fronteira entre mundos com forças adversas e, ao mesmo tempo, complementares, cuja manipulação necessita da mediação do especialista que detém a *techné* do contato, do saber como evitar o contágio e a animosidade das potências subterrâneas. A reconstrução da especificidade da prática mágica de *fazer mal ao inimigo* deve levar em conta a *pluralidade de vozes* localizada em Atenas a partir da região do Pireu, espaço de cruzamento e interseção de diferentes culturas, crenças e ritos, que interagiram com a religião oficial da pólis dos atenienses, resultando no espaço da formulação da *identidade singular* dos praticantes da magia dos *defixiones*.

As lâminas de chumbo, objeto de nossa atenção, são provenientes de escavações arqueológicas realizadas no cemitério do *Kerameikos*, sob a responsabilidade da *The German Archaeological Institute in Athens*. O resultado deixa transparecer as formas elementares de uso do espaço geográfico como zona de contato e de fronteira entre o sagrado e o profano em Atenas.

Ao nos determos na definição de *lugar antropológico*, constatamos que ele é, essencialmente, *geométrico*, ou seja, composto por linhas de trajetórias – vias de interseção de caminhos e ponto de cruzamentos, e neles, observamos as formas elementares de uso *relacional* e social do espaço (AUGÉ, 1994, p. 57). Os portões de entrada e saída de Atenas conjugam-se como ponto de interseção, área de encontro e reunião para o início de procissões e de cerimônias religiosas como as Panatenéias, mas também configuram-se como área de atividades profanas, que fazia parte do cotidiano dos atenienses e seus agregados como via de acesso: entrada e saída das pólis, ponto fixo das oficinas dos artesãos, zona de prostituição e áreas de mercado de vinho.

A materialização do conceito na topografia do cemitério do *Kerameikos* nos permite apontar as *linhas*, como itinerários e caminhos construídos pelo homem, que se conduz de um lugar ao outro. Os portões, como zona de fronteira, apresentam uma bifurcação, a saber: um lado vai em direção à Via Sagrada, que segue em paralelo ao rio Erídanos, em cujo leito foi encontrado um número significativo de lâminas de chumbo. A via tem acesso ao Santuário de Eleusis. A outra via denomina-se Rua das Tum-

bas, onde se percebe a presença de monumentos suntuosos, pertencentes às famílias de recursos, construídos para serem vistos; ao mesmo tempo, o itinerário configura-se como zona de contato, ao permitir que a população de Atenas transite da *ágora*, atravessando o cemitério, e chegue ao porto do Pireu.

Nas interseções dos caminhos, encontramos os *cruzamentos*, que se configuram como marcos religiosos de santuários e de oferendas, *topoi* protegidos pelos deuses Hermes e Hecates, divindades com função *apotropaica*, ou seja, proteger contra os malefícios as vias de acesso a pólis, as entradas, as saídas da cidade e as residências, além de representar a relação de contato com o *outro*. Em Atenas, esses marcos delimitam as *fronteiras humanas* entre o urbano e o rural, e as *fronteiras religiosas* entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, pelo fato de atravessar o cemitério. O outro ponto de interseção identifica-se como o Dypilon Gates, que segue em direção à Academia.

Em nossa abordagem, percebemos que deuses ctônicos do *pantheon* grego como Hermes, Hécate, Perséfone e Cérbero são mencionados nas lâminas de chumbo, evocadas pelos usuários da magia dos *defixiones* com o epíteto de Retentor, cuja finalidade era apreender e manter presa junto aos mortos a alma do inimigo ou adversário. As divindades *ctônicas* regulam a relação do contato entre os vivos e o reino de Hades, que representa a dinâmica do movimento, da agressão e da violência, atributos primordiais para a eficácia da magia de *fazer mal ao inimigo*. Entretanto, não se encontra nenhuma referencia a Caronte, o barqueiro do Hades.

As potências sobrenaturais usadas pelos praticantes da magia aparecem como dispositivos da *atividade ritualizada*, instrumento mediador de uma relação de força que parte da interação entre o solicitante e o *magus*. O solicitante desencadeia o processo mágico por estar envolvido em uma *situação sintomática* ao exigir a realização do desejado. O *magus* apreende o acentuado sentimento de animosidade do solicitante e o catalisa em direção aos seres sobrenaturais. Como especialista no assunto, o *magus* conhece e domina a técnica de funcionamento dos procedimentos mágicos. A elaboração do discurso mágico depende da concordância e do mútuo entendimento dos partícipes na formulação da magia. Esse entendimento ocorre no exercício da *ação dialógica* na realização da *atividade ritualizada* do discurso mágico.

Sem dúvida, podemos imputar o efeito do poder mágico da construção espacial de uma região, um território pensado, construído e sacralizado pelos seus habitantes, fato que torna o Cemitério do Kerameikos um espaço *histórico*, por permitir analisar e explicar determinados procedimentos apreendidos, tornando-se *relacional*, por ser ponto de encontro para a realização de atividades religiosas e de práticas da magia. Em relação ao atributo *identitário*, é nesse espaço que encontramos os mais remotos vestígios da presença do usuários da mágica dos *defixiones*, ação singular para o V e IV séculos a.C. que transpõe o tempo, passa pelo Império Romano e chega aos tempos atuais.

Tal constatação nos leva a ter por suposição que a prática da magia, de *fazer mal ao inimigo* através da manipulação de sepulturas dos mortos, transitou pelo Mediterrâneo a partir do porto do Pireu, em Atenas. Fato que nos leva a contrapor a historiografia, que afirma ser essa prática oriunda dos negros africanos. O Pireu como área de contato tem sido, para os antigos, um lugar de destaque como centro da vida social dos helenos, fomentando o contato cultural, a comunicação e as trocas comerciais, mas também um lugar de novas práticas mágico-religiosas, resultando na diversidade de idéias, no *multiculturalismo* de comportamentos e na *pluralidade* de práticas rituais e crenças, como a magia dos *defixiones*.

Bibliografia

- AUGÉ, M. **Génie du paganisme**. Paris: Gallimard, 1982.
- AUGÉ, M. *et alii*. **La Grece pour penser l'avenir**. Paris: Harmattan, 2000.
- BERNARD, A. **Sorciers Grecs**. Paris: Fayard, 1991.
- BETZ, H. D. **The Magical Papyri in Translation**. Chicago: University Chicago Press, 1992.
- BURKERT, W. **Homo Necans: the anthropology of Ancient Greek**. Berkeley: California Press, 1983.
- CANDIDO, M.R. **Katádesmos: a magia entre os atenienses do V-III a. C.** Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2001. (Tese de doutorado).
- _____. **A Feitiçaria na Atenas Clássica**. Rio de Janeiro: Letra Capital/FAPERJ, 2004.
- CATLEDGE, P. **The Greeks: a portrait of self and others**. New York: Oxford Press, 1993.

- DICKIE, M. W. **Magic and Magicians in the Greco-Roman World**. London: Routledge, 2003.
- DURAND, J.-L. **Sacrifice et Labour en Grece Ancienne: ensai d'Anthropologie religieuse**. Rome: EFR, 1986.
- FERRAZ, T. S. **Direito, Retórica e Comunicação**. São Paulo: Saraiva, 1997.
- FESTUGIERE, A. J. **La vie spirituelle en Grece à l'époque hellenistique**. Paris: Picard, 1980.
- FLINT, V. **Witchcraft and Magic in Europe**. London: The Athlone Press, 1999..
- FREYBURGER, G. **Sectes Religieuses en Grece et a Rome**. Paris: Belles Lettres, 1986.
- GAGER, J. G. **Curse Tablet and Binding Spells from the Ancient World**. New York: Oxford University Press, 1999.
- JIMENO, A. L. **Zu Einer Fluchtafel vom Athener Kerameikos**. ZPE 91, 1992.
- JORGAN, D. R. **The World of Ancient Magic**. Bergen: John Grieg AS, 1999.
- LUCK, G. **Arcana Mundi: magia Y ciencias occults en el mundo griego y romano**. Madrid: Gredos, 1995.
- MEYER, M. **Ancient Magic and Ritual Power**. Boston: Brill Academic Publishers, 2001.
- MORRIS, I. **Burial and ancient society**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- OGDEN, D. **Magic, Witchcraft and Ghosts in the Greek and Roman World**. New York: Oxford Press, 2002.
- PEEK, W. **Inschriften Ostraka Fluchtafeln**. Berlin: Walter de Gruyter, 1941.